

diversa das normalmente débeis, frágeis, suspiradoras, tantas vezes desmaiadas mulheres queirosianas. Leia-se como Tancredi a pensa, quando lembra «o aroma a tabaco fresco que se desprendia da cigarrilha de Maria» e a vê «projectada entre as sombras dos prédios, com o seu ar de sensual desafio ao mundo, que a cada instante lhe lembrava a beleza plebeia e violenta das mulheres napolitanas» (37).

A mais forte definição de Maria no livro, quase tornando-a, até, malgrado o título da novela, a grande protagonista desta história, emerge da citação que se transcreve de seguida e que explora, numa ironia crua e vívida, a falta de remorsos face ao suicídio de Pedro da Maia (é neste momento que Pedro e Tancredi — Tancredo, portanto — se tornam um mesmo homem). A complexidade sagaz de Maria expõe-se numa muito própria definição de humanidade. E é assim que na novela esta personagem se toma de vida, a libertar-se dos livros em que nasceu, para ganhar corpo já, a nosso lado, tocando no ponto nevrálgico da problematização teórica, política, social, que emana do livro, numa dicotomia plena de incongruências, contradições: «Eu acho que ele [Pedro] terá feito aquele gesto irreflectido por causa da honra ferida, por causa da noção de posse, como uma criança mimada à qual tiraram o brinquedo preferido. Tu também sabes que é assim. Fica sabendo que não me sinto nada responsável por aquilo que aconteceu. [...] Sempre esses teus ideais tão absurdos, tão desligados do mundo! Põe os pés na Terra, Tancredi. Por cada um dos vossos heróis que morre, existem pelo menos mil italianos que secundam o rei, e obedecem. Também essa é a humanidade, certo?» (81).

Nesta passagem, é bem evidente, pela voz de Maria Monforte, o modo como se espelha, cruamente, de forma quase violenta, uma cínica posição social, eviden-

ciando as contradições e incongruências em que também incorre Tancredi, sem disso se aperceber. Portugal e a Itália do século XIX abrem a brecha para a História actual, com o espaço europeu a desenhar-se na modernidade, num tempo histórico que é o mesmo, mas que avança socialmente em diferentes ritmos e andamentos: a delimitação das fronteiras europeias, a escravatura, o olhar sobre o outro, o liberalismo político — que a figura de Tancredi tão bem representa em Eça. Paola D'Agostino, desenvolvendo-a depois, em todas as suas vertentes e ambiguidades, nesta novela liberta-se do romance e dá uma outra consistência, a do olhar hodierno, às realidades político-sociais de então, as de Itália e de Portugal. Subtilmente as de uma Europa de hoje, também.

Rita Taborda Duarte

[A Autora segue a antiga ortografia.]

BIOGRAFIA

Miguel Real e Filomena Oliveira AS 7 VIDAS DE JOSÉ SARAMAGO

Lisboa, Companhia das Letras / 2022

Nas mais de trinta páginas da «Apresentação», que constitui já uma relação muito circunstanciada da vida e da obra de José Saramago, as dez linhas iniciais são uma teoria deste género híbrido e instável: «Uma biografia é escrita segundo a consciência do seu autor: entre milhares de fontes e de factos, o autor selecciona os que considera terem sido marcantes na existência do biografado, desenhando-lhe o arco da vida entre o nascimento e a morte» (21). Ao contrário do que acontecia no passado (e ainda acontece, por vezes), a biografia moderna séria não se propõe fazer o elogio ou a ridicularização de uma

existência. Esta, em particular, «não pretende agradar aos que se reveem nas palavras de Saramago nem aos que condenam a sua figura» (21); propõe-se interpretar a vida de um sujeito plural, indómito, controverso, raro ou único em vários aspetos (o menino pobre, em cuja casa não havia um livro, que ascendeu, com muita persistência, a escritor universal e a voz indignada e revoltada, com projeção planetária, que denunciou males e vícios de pessoas e instituições).

A «Literatura» e a «denúncia das Injustiças» acabaram por ser centrais na obra de Saramago, como se sabe. Miguel Real e Filomena Oliveira assumem esta evidência e dão-nos um retrato de um homem que viveu intensamente para si e para os outros, para a literatura e para a sociedade, que (se) pensou e refletiu sobre a vida, o social e o humano; um escritor que nunca se fechou na torre de marfim (em que se enclausuram tantos autores) e, apesar disso ou talvez por isso, escreveu uma obra de amplitude internacional. Esta tese de um homem insatisfeito com o mundo e com a espécie humana é apenas a superfície da biografia que qualquer leitor de Saramago conhece. Sustentados no muito que escreveu, em testemunhos orais e escritos do próprio autor e sobre ele, em fontes mais ou menos ou nada conhecidas, Real e Oliveira delineiam o *essencial* de uma vida que surpreende pela energia da atividade profissional e literária, pela entrega a causas sociais que têm tanto de local (o latifúndio português, Chiapas, Palestina, etc.) como de global (riqueza/pobreza, opressão/submissão, guerra/paz). Uma vida em que a amizade e o amor, o convívio, a partilha de alegrias e de tristezas pessoais e coletivas valiam tanto ou mais do que a própria literatura que José Saramago ia escrevendo.

Esta biografia, esta escrita de uma vida, está organizada em três partes. Nelas se

inscrevem as sete vidas em que os dois biógrafos entenderam subdividir as quase nove décadas durante as quais Saramago se construiu e reconstruiu, fez do nada a que parecia estar votado o muito que veio a ser. Miguel Real e Filomena Oliveira recuperam um termo que Saramago criou, «Josephville», e fazem dele um operador e um conceito-chave desta biografia. Em 1968, cumprida praticamente meia vida, na crónica «A Cidade», que viria a ser publicada no livro *Deste Mundo e do Outro* (1971), José Saramago reflete literariamente sobre o seu lugar no mundo. Na versão saída neste volume, exatamente no final, o autor cria o termo «Josephville» (não por acaso, esta é a primeira crónica da coletânea): «Era uma vez um homem que vivia fora dos muros da cidade. E a cidade era ele próprio. Josephville, se lhe quisermos dar um nome.» Tal como a personagem da crónica, José Saramago vai entrar na cidade real de que ele se sentia excluído, como assinalam os biógrafos.

O «Índice», pormenorizadíssimo, com muitos títulos apelativos, como «58 Anos: Um Derrotado da Vida», «Saramago — O Nome de Um Cavaleiro sem Cavalo» e «Azinhaga: Uma Terra Que Uniria Camões e Saramago», ou mais diretos, como «Porque Emigrou a Família para Lisboa», dá-nos toda a largueza e meticulosidade desta biografia, que articula dois âmbitos intimamente ligados, mas que não se confundem: o relato de uma vida, com os seus episódios factuais e datas, com os sucessos e fracassos de que se tece qualquer existência, sem neles se deter demasiado (porque não se pretende enveredar pelo sensacionalismo, pela construção de episódios escandalosos); e o comentário, a exegese da obra literária de Saramago, em relação estreita com a vida do autor, mas também independente dela. Afinal, uma vida que parecia estar

destinada a ser trágica, a devorar Saramago no seu afã de querer ser um escritor tão original e lido quanto interventivo na desordem do mundo, tornou-se cheia, a um tempo recolhida n'«A Casa» de Lanzarote e planetária. Miguel Real e Filomena Oliveira dão-nos a ver um José Saramago que nunca se subordinou à superficialidade monótona dos dias nem se resignou a aceitar o que poucos (quem oprime) destinam a muitos (os oprimidos); um Saramago afirmativo que não sucumbiu ao seu confessado pessimismo, que combinou com uma originalidade única ideias consistentes e espiritualidade, que criou um estilo inconfundível ora cru e subversivo ora de uma beleza sublime, e em que ao período clássico, às vezes breve e despojado, sucede a frase pluriforme com ramificações plenas de desafios, pensamentos, leituras, propostas.

O Saramago de Sete Vidas que nesta biografia é retratado vem da interpretação de um percurso que foi ação no dia a dia, comprometimento em causas e sublimação em livros que o autor nunca projetou como meros instrumentos para alcançar um fim ideológico (comunismo) e transitoriamente pessoal (glória e prestígio ensimesmados e vaidosos). A palavra literária de Saramago foi, e é, um universo individual e supremamente livre de superação de agrilhoamentos de todo o tipo, inclusive aqueles que têm a ver com a tendência do ser humano para o mal extremo (propensão radicada na nossa mais irredutível natureza enquanto espécie, como os biógrafos recordam várias vezes ao longo do livro, em sintonia com declarações de Saramago e momentos fulcrais da sua obra): «Evidenciar o mal no e do mundo continua a ser o caminho para o resgate possível do bem» (26). Também as palavras saramaguianas de intervenção sociopolítica e cultural, em entrevistas e depoimentos escritos e orais, tiveram e

têm essa firmeza insubmissa de mostrar, mudar, melhorar o humano. José Saramago *realiza-se* (nos vários sentidos do termo) no contínuo desenvolvimento dialético da realidade ética, moral, política e literária que ele próprio vai pensando e construindo na vida como na obra. Move-o a aspiração a uma trindade autenticamente humana (a justiça, o bem e o belo), não um simples desejo de ser reconhecido como escritor de belas mas inconsequentes letras. Para mostrarem tudo isto, toda esta implicação e (in)dependência entre vida e obra, Miguel Real e Filomena Oliveira leem em profundidade os textos, propõem leituras francamente inovadoras e esclarecedoras, como se vê na análise a que submetem o romance *História do Cerco de Lisboa*.

Nenhuma vida, para mais a de quem deixou uma obra e um pensamento inesgotáveis, se pode encerrar num livro. Esse não foi o desejo dos autores, que, contudo, nos oferecem uma biografia em que Saramago nos aparece, como é justo, com a objetividade de quem teve um nome civil e com a aura eterna de que uma vida se reveste apenas se for celebrada num livro, num quadro, numa obra de arte, ou numa biografia como esta (preciosa tanto para o leitor saramaguiano como para quem queira começar a ler o escritor, e não menos valiosa para os especialistas em Saramago e em Estudos Literários, Filosofia, História, Cultura, etc.). Uma biografia que se lê, em grande parte, e ainda bem, como um romance protagonizado por uma figura de dimensão universal que nos compete continuar a ouvir e a fazer ouvir, em Portugal e no mundo. Uma biografia (impressionante, em todos os aspetos) que não desmerece a complexidade e a riqueza da vida de José Saramago, nem muito menos a monumentalidade da sua obra.

Carlos Nogueira